



VEREDAS

Revista de Estudos Linguísticos

Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFJF



WhatsApp: uma mesclagem multimodal contemporânea

Lilian Ferrari*
Maíra Avelar**
Gustavo Paiva Guedes***

Resumo: Este trabalho adota a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e a Teoria da Integração (ou Mesclagem) Conceptual (Fauconnier & Turner, 2002), para descrever a estrutura cognitiva subjacente ao aplicativo de celular denominado *WhatsApp Messenger (Wz)*. Argumenta-se que o aplicativo constitui a âncora material de um processo de integração conceptual experiencial e multimodal. Propõe-se, ainda, que a troca de mensagens de texto envolve mesclagem múltipla composta por três espaços mutuamente conectados – FALA (conversação face a face), ESCRITA e IMAGEM, que são projetados seletivamente na mescla. Na estrutura emergente, a comunicação por Wz é concebida pelos usuários como comunicação face a face multimodal.

Palavras-chave: WhatsApp; integração conceptual; integração experiencial; mesclagem múltipla; mesclagem multimodal.

Introdução

A comunicação mediada por computador (CMC) tem sido descrita como toda e qualquer comunicação humana dependente de formatos mediados por computador, entre os quais se incluem mensagem instantânea, *e-mail*, sala de bate-papo, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e aplicativos telefônicos, tais como o *WhatsApp Messenger (Wz)*.

Esse último recurso, que constitui uma das ferramentas de comunicação mais utilizadas na atualidade, é o foco do presente trabalho. A denominação remete à sequência interrogativa *What's up?*, do inglês, cujo principal papel pragmático é sinalizar a abertura de conversas - de forma análoga a usos como “Tudo bem?” ou “Como vai?” em português.

Embora vários estudos já tenham se debruçado sobre o caráter interacional da comunicação mediada por computador, enfocando problemas relacionados à tomada de turno, manejo local e coerência (Herring, 1999; Anderson, Beard & Whalter, 2010), o presente artigo adota uma perspectiva ainda pouco explorada sobre o assunto.

* Professora do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: lilianferrari@uol.com.br

** Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: mairavelar@uesb.edu.br

*** Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ. E-mail: gustavo.guedes@cefet-rj.br

Com base em constructos disponibilizados pela Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e da Teoria da Integração (ou Mesclagem) Conceptual (Fauconnier & Turner, 2002), o objetivo da pesquisa é detalhar a estrutura cognitiva subjacente ao aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp*. A hipótese geral é a de que o Wz ativa um processo de mesclagem multimodal múltipla, envolvendo os espaços de FALA, ESCRITA e IMAGEM, projetados seletivamente no espaço-mescla. A análise, de base qualitativa, busca respaldar essa hipótese, a partir do detalhamento do processo de integração conceptual ativado pelo Wz, e da descrição dos elementos que emergem criativamente na mescla, tais como *os emojis*.

O trabalho está organizado em mais três seções. Na seção 1, são apresentados os fundamentos teóricos da pesquisa, enfocando-se o processo mais geral de integração conceptual, e instanciações mais específicas desse processo em termos de mesclagem múltipla (envolvendo mais de dois espaços) e integração experiencial. Em associação a esse último aspecto, enfoca-se a noção de âncora material, que permite situar o aplicativo entre outros artefatos culturais derivados de integração conceptual, bem como fornecer uma explicação experiencial para os *emojis*. A seção 2 apresenta uma proposta de análise da estrutura cognitiva subjacente às mensagens de texto, acompanhadas por *emojis*, no *WhatsApp Messenger (Wz)*, detalhando o funcionamento dos espaços de entrada linguístico/conceptuais (FALA e ESCRITA), o espaço de entrada imagético/perceptual (IMAGEM), e o espaço mescla, em que são projetados, parcialmente, elementos dos três espaços. A partir daí, a estrutura emergente resultante da mescla é a de que a comunicação escrita e imagética realizada via Wz é concebida como “comunicação face a face multimodal”. A última seção apresenta as considerações finais, e aponta perspectivas futuras de análise.

1. Referencial teórico

Nesta seção, são apresentados os fundamentos teóricos que sustentam a análise da estrutura cognitiva subjacente ao *WhatsApp*. Na seção 1.1, é apresentado o processo geral de Integração (ou Mesclagem) Conceptual, detalhando-se um modelo específico de integração, a Integração Experiencial, e suas inter-relações com o conceito de âncora material. Em 1.2, são apresentados estudos que enfocam a Interação Face a Face e seus aspectos multimodais, tendo em vista que os mecanismos de organização conversacional são fundamentais para a caracterização da estrutura emergente do Wz.

1.1. A Integração Conceptual

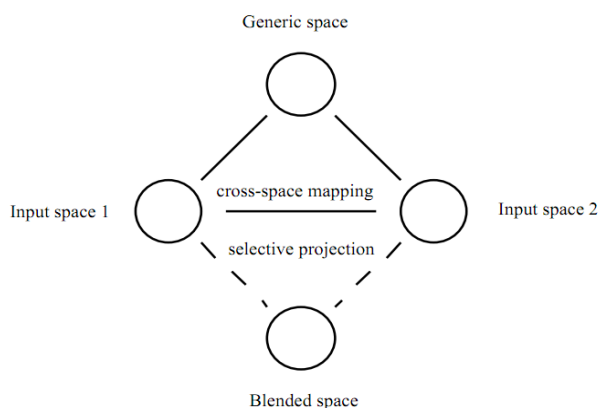
A Teoria da Integração (ou Mesclagem) Conceptual, inicialmente desenhada por Fauconnier e Turner (2002), tem como uma de suas pretensões explicitar o que acontece do ponto de vista cognitivo quando processamos certos enunciados. Enquadrada na perspectiva da Linguística Cognitiva, a teoria tem como base o conceito de espaço mental, que se refere a estruturas cognitivas ativadas à medida que o discurso se desenvolve. De acordo com Fauconnier (1994), a partir da Base (espaço que constitui a “âncora” do discurso, e envolve falante, ouvinte, local e momento do evento de fala), os espaços mentais podem criar

domínios espaciais, temporais, contrafactuais, hipotéticos, entre outros¹. Uma importante ferramenta analítica desenvolvida no âmbito da Teoria dos Espaços Mentais é a noção de integração (ou mesclagem) conceptual (Fauconnier 1997; Fauconnier e Turner 2002). Nas palavras de Fauconnier e Turner (2002, p. 57):

A integração conceptual é uma operação mental básica que leva a um novo significado, a uma visão global, e a compressões conceituais úteis para a memória e manipulação de arranjos de significado que, de outro modo, permaneceriam difusos. Ela desempenha um papel fundamental na construção de sentido na vida cotidiana, nas artes e ciências, e, especialmente, nas ciências sociais e comportamentais².

A Integração Conceptual pode ser considerada como um mecanismo evolutivo cujo sistema de funcionamento depende de como os elementos se relacionam dinamicamente uns com os outros. Ela está em conformidade com um conjunto de princípios constitutivos (TURNER, 2007, p. 378): (i) Existe um mapeamento interespacial parcial que liga algumas contrapartes aos espaços mentais de entrada. (ii) Existe um espaço mental genérico, que é mapeado em cada uma das entradas e contém o que as entradas [*inputs*] têm em comum. (iii) Há um quarto espaço mental, o espaço de integração, muitas vezes chamado de mescla. (iv) Existe uma projeção seletiva das entradas para a mescla. É importante ressaltar que nem todos os elementos e as relações dos espaços de entrada [*inputs*] são projetados na mescla [*blend*]. Dessa forma, a essência da operação de integração é a construção de uma correspondência parcial entre os dois espaços de entrada, para projetar seletivamente elementos daquelas entradas em um quarto espaço mental: o espaço integrado [*blended space*], uma estrutura emergente desenvolvida de maneira dinâmica. A seguir, temos um exemplo de esquema geral da Integração Conceptual:

Figura 1: Esquema genérico da operação de integração conceptual.



Fonte: FAUCCONNIER; TURNER, 2003, p. 56.

¹ Os diferentes espaços são ativados por expressões linguísticas, denominadas introdutores de espaços mentais (*space builders*), que indicam informações espaciais (ex. na Rússia..., no metrô..., etc.), temporais (ex. em 1999..., no fim de semana..., etc.), contrafactuais (ex. quem dera que..., se fosse..., etc.), hipotéticos (ex. se..., possivelmente..., etc.), entre outras.

² Conceptual blending is a basic mental operation that leads to new meaning, global insight, and conceptual compressions useful for memory and manipulation of otherwise diffuse ranges of meaning. It plays a fundamental role in the construction of meaning in everyday life, in the arts and sciences, and especially in the social and behavioral sciences.

Considerando a maneira de funcionamento da estrutura emergente, o modelo prevê que ela é gerada de três formas (TURNER, 2007, p. 379): (i) Composição das projeções dos espaços de entrada [*inputs*]: a mescla pode ser composta de elementos advindos dos espaços de entrada para fornecer relações que não existem nos espaços de entrada [*inputs*] separados. (ii) Completamento com base em molduras [*frames*], recrutadas de maneira independente, e em cenários: nós raramente percebemos a extensão do conhecimento de fundo e a estrutura que trazemos inconscientemente para uma mescla, que recruta grandes arranjos de tal significado de fundo. O padrão de Completamento é o tipo mais básico de recrutamento. (iii) Elaboração: elaboramos mesclas [*blends*], tratando-as como simulações e as executamos com o uso da imaginação, de acordo com os princípios que foram estabelecidos para a mescla. Alguns desses princípios para o funcionamento da mescla [*blend*] são recrutados por meio do princípio de Completamento.

Em suma, para a criação da rede de integração conceptual, é necessário que haja, no mínimo, dois espaços de entrada, que fornecem elementos a serem selecionados e projetados na estrutura emergente, por meio dos processos imaginativos de composição, completamento e elaboração, de modo que as inferências e os novos significados ativados na mescla não são previsíveis com base apenas nos espaços de entrada. Por fim, a estruturação do Espaço Genérico (EG), nem sempre representado nos esquemas de IC, decorre de uma projeção dos elementos comuns dos espaços de entrada, informando, assim, que há uma analogia entre os espaços de entrada, o que permite o mapeamento e a projeção dessas estruturas no espaço emergente.

Assim, o esquema representado na Figura 1 representa a estrutura mínima da mesclagem, envolvendo quatro espaços: dois espaços de *input*, um espaço genérico e um espaço-mescla. Entretanto, como apontado por Fauconnier & Turner (2002, p.279-298), a integração conceptual é uma operação dinâmica que pode abranger um número maior de espaços de *input*, projetados em paralelo no espaço-mescla. Os autores ilustram esse fenômeno de mesclagem múltipla a partir de um editorial jornalístico sobre a reforma do sistema de saúde proposta pelo ex-presidente Bill Clinton. O editorial enquadra o sistema de saúde como um filme de terror protagonizado por atores profissionais e figurantes, ativando três *inputs* diferentes: o da indústria de assistência de saúde, o de profissionais de cinema e o de filmes de terror. Assim, é possível encontrar passagens em que o vocabulário dos três *inputs* evidencia a mescla, como no trecho “*os atores profissionais da indústria de saúde assustaram os americanos tão fortemente que eles estão dispostos a aceitar qualquer coisa, para não continuar sendo figurantes em um melodrama médico que parece um interminável filme do Drácula*”. Os espaços e os elementos relevantes para a mesclagem são os seguintes:

SAÚDE	CINEMA	FILME DE TERROR.	ASSISTENCIA DE
(exploradores)	Atores profissionais	Vampiros/Drácula	Indústria de saúde
	Figurante	Vítimas	Público (pacientes)

Os três espaços são projetados seletivamente para o espaço-mescla, de modo que os participantes do evento descrito herdaram estrutura dos três *inputs*. Na mescla, aqueles que são assustados são, ao mesmo tempo, vítima, figurante e público (pacientes). O outro grupo resulta da fusão de atores profissionais, vampiros e exploradores.

1.1.1. O conceito de âncora material

Um dos principais *insights* relacionados ao desenvolvimento da noção de integração conceptual é o de Hutchins (2005). O autor destaca que a cultura material se acha ostensivamente impregnada de um tipo específico de integração conceptual que emprega objetos como âncoras materiais. Dentre esses objetos, estão incluídos desde diferentes tipos de instrumentos de medida, como relógios de pulso, relógios de sol, barômetros, termômetros, compassos, etc., até artefatos socialmente significativos, tais como dinheiro, túmulos, catedrais, escrita e a própria fala. A evidência de que todos esses objetos refletem integração conceptual resulta da observação de que nenhum deles depende apenas de sua estrutura material para que seja adequadamente utilizado. A materialidade, por si só, nada significa.

No caso da escrita, Fauconnier & Turner (2002) apontam que marcas físicas em uma folha de papel não têm significado por si mesmas (é o que acontece, por exemplo, quando nos deparamos com algo escrito em uma língua que desconhecemos). Só é possível compreender algo escrito no momento em que se é capaz de associá-lo a sistemas conceptuais e linguísticos elaborados, de forma culturalmente sustentada. Segundo os autores, o fato de a escrita ser composta por palavras é derivada da fala. Por exemplo: é possível relacionar categorias escritas como “boy, **boy**, BOY, *boy*”, a categorias sonoras que representam diferentes maneiras de se pronunciar a palavra “garoto” [*boy*]: com o sotaque britânico, australiano, como um sussurro etc. Sendo assim, essas palavras/marcas numa folha de papel ou tela de computador, por exemplo, constituem um espaço de entrada e as diferentes maneiras de pronúncia constituem outro. A mescla é, então, formada pela fusão das marcas escritas com a fala. Assim, um indivíduo letrado consegue construir redes de integração para escrita e leitura, em que um dos *inputs* abriga algum tipo de meio físico com marcas (papel, tela de computador, etc.) e, no outro *input*, há alguém falando. Na mescla, as marcas e a fala são fundidas de modo impressionante.

A fala, por sua vez, apesar de sua aparente imaterialidade, é também apontada pelos autores como âncora material. Por um lado, ondas sonoras emitidas pelo falante são ouvidas pelo(s) interlocutor(es). Essa percepção, entretanto, não garante a compreensão (novamente, podemos pensar no que acontece quando alguém fala em uma língua que desconhecemos). Para que a fala seja compreendida, os sons emitidos precisam ser mapeados, de forma complexa, em estruturas linguísticas, tais como palavras, cláusulas, convencionalmente compartilhadas e representadas mentalmente.

Conforme proposto por Hutchins (2005), a associação entre a estrutura material e a estrutura conceptual compõe uma estratégia cognitiva relevante, que merece ser melhor explorada, pois, segundo o autor, a projeção de estrutura material em um espaço-mescla [*blending space*] pode estabilizar a Integração Conceptual. Dentro dessa perspectiva, a entrada a partir do qual a estrutura material é projetada em uma integração constitui a ‘âncora material’ para a mescla (HUTCHINS, 2005, p. 1555)³. Por exemplo: em uma prática sociocultural com um conjunto de pessoas dispostas em linha reta, uma atrás da outra, fazendo fila para comprar ingressos para uma peça teatral, os participantes utilizam o corpo deles, bem como a localização espacial do corpo deles, para representarem a ordem de chegada e de atendimento dos clientes. A sedimentação dessa prática sociocultural faz com que se crie uma capacidade de reconhecimento do formato da fila. Porém, a simples visualização de uma linha reta não é suficiente para que se enxergue uma fila. Para isso, é

³ Projecting material structure into a blended space can stabilize the conceptual blend. I call an input space from which material structure is projected into a blend a ‘material anchor’ for the blend.

necessário projetar uma estrutura conceptual na linha reta. Essa estrutura corresponderia à noção de ordem sequencial que, no caso da fila, poderia ser representada por um trajeto direcional. Dessa forma, a integração conceptual da estrutura física da linha com um trajeto direcional faz com que a linha reta seja interpretada como uma fila.

Em alguns casos, a âncora material para a mescla é a experiencição sensório-motora interna das propriedades materiais dos enunciados. Auchlin (2013) propõe o termo “Integração Experiencial” (IE) para esse tipo específico de integração conceptual: são integrados dois espaços de entrada substancialmente distintos, pertencentes a dois níveis diferentes de integração. Um espaço de entrada é a experiência do “aqui-e-agora” da enunciação e suas propriedades materiais – tal como construídas do ponto de vista perceptivo. Outro espaço de entrada é a elaboração linguística e conceitual. Dessa forma, a Integração Experiencial constitui um tipo especial de integração, pois integra espaços de entrada substancialmente distintos, pertencentes a diferentes níveis de integração: o nível da percepção e o nível da concepção. Um dos exemplos discutidos por Auchlin (2013), refere-se a uma propaganda em que a expressão “orçamento muito apertado” é produzida por uma voz com tensão faríngea. A expressão linguística e a qualidade vocal são integradas na mescla experiencial de se sentir estrangulado pelo caráter apertado do orçamento, permitindo uma ancoragem na experiência real do ouvinte.

Os conceitos apresentados nesta seção fundamentam a análise da estrutura cognitiva do *WhatsApp*. Como ficará claro, o aplicativo constitui a âncora material de um processo de integração experiencial, que envolve espaços múltiplos (fala, escrita e imagem). Como o espaço de fala (conversação face a face) é central para a mescla, a seção, a seguir, apresenta estudos que enfocam a organização conversacional.

1.2. O caráter multimodal da interação face-a-face

O encontro face a face é considerado essencial para o formato assumido pela linguagem falada, caracterizando-se como inerentemente multimodal. O trabalho pioneiro de Erving Goffman (1967, 1981), detalhando rituais interacionais e formas de fala, alavancou uma série de estudos sociológicos e psicológicos, destacando que a interação face a face é o *locus* privilegiado dos atores sociais e sujeitos cognitivos.

No domínio da aquisição de linguagem, Herbert Clark (1973) descreve a situação de comunicação face a face como o encontro canônico entre seres humanos, em que duas pessoas ficam face a face, separadas por uma curta distância. O uso da linguagem falada nesse contexto é inerentemente um processo de comunicação multimodal, envolvendo não apenas a produção oral de sons e sua recepção auditiva, mas a produção de vários tipos de movimentos corporais no espaço, que o ouvinte pode perceber visualmente. Mais recentemente, estudos sobre gestos enfocam os materiais comportamentais da interação (olhares, posturas corporais e produções verbais), que constituem elementos fundamentais do encontro face a face (Kendon 1990).

Os estudos pragmáticos, por sua vez, destacam a *Análise da Conversação* como importante área de investigação (Levinson 1983), que apresenta contribuições fundamentais para o detalhamento das principais características definidoras de uma conversa. Dentre essas características, destacam-se o mecanismo de *tomada de turno* (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974, 1978) e a noção de *pares adjacentes* (Schegloff e Sacks 1973), detalhados a seguir.

A tomada de turno pode ser apreendida pela observação de que, na conversação, um participante, A, fala e para; outro participante B, inicia seu turno, fala e para, e assim por

diante até se obter uma distribuição de conversa do tipo A-B-A-B-A, entre dois participantes. Essa organização, entretanto, não é aleatória, mas seu funcionamento é regulado por um *sistema de manejo local* com opções ordenadas que operam turno a turno. O sistema requer unidades mínimas, que constituem unidades sintáticas (sentenças, cláusulas, sintagmas nominais, etc.), identificadas como unidades de turno principalmente por meios entonacionais. A parte final de uma unidade, denominado *local relevante de transição*, constitui um ponto em que os falantes podem se alternar, embora a transição não seja obrigatória.

Dentre os casos emblemáticos de manejo local na conversação, destacam-se os chamados *pares adjacentes*, que constituem unidades fundamentais da organização conversacional. Alguns exemplos prototípicos são os pares pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, oferta-aceitação, pedido de desculpas-minimização, etc. Schegloff e Sacks (1973) caracterizam os pares adjacentes como sequências produzidas por falantes diferentes, ordenados como primeira parte e segunda parte, e governados pela seguinte regra: “Ao produzir a primeira parte de um par, o falante atual precisa parar de falar, e o próximo falante deve produzir naquele ponto a segunda parte do mesmo par”.

É importante ressaltar que, dada a organização inerente dos pares adjacentes, a ausência da segunda parte do par não é aceitável. Por exemplo, se uma pergunta não obtiver resposta, o falante provavelmente repetirá a pergunta, ou até mesmo questionará o interlocutor sobre a ausência de resposta.

Ainda que aplicativos de mensagem continuem extremamente populares e em franca expansão, a CMC baseada em troca de mensagens tem sido apontada como interacionalmente incoerente, em função de limitações impostas aos mecanismos de tomada de turno e manutenção da referência. Para lidar com esse aparente paradoxo, Herring (1999) desenvolve um estudo sobre coerência entre turnos, cujos resultados revelam a existência de alto grau de adjacência interrompida, trocas superpostas e quedas de tópico. Para conciliar a ocorrência desses fenômenos com a popularidade da CMC, a autora aponta a habilidade dos usuários no que se refere à adaptação ao meio e às vantagens do afrouxamento da coerência no aumento da interatividade e no uso lúdico da linguagem.

Sob perspectiva semelhante, Anderson, Beard e Whalter (2010) enfocam adaptações realizadas por usuários para utilizarem os códigos relativamente restritos fornecidos pela comunicação mediada por computador baseada em texto. Os resultados apontaram que os usuários adaptam apropriadamente várias técnicas da conversação face a face para o manejo local de conversas, incluindo tomada de turno, atribuição de turno e manejo explícito de interrupção. Ao mesmo tempo, usam superposições e pausas longas estratégicas, como recurso técnico, ao invés do ideal conversacional “sem pausa, sem superposição”.

Em que pesem os diferentes aspectos enfocados, o que os estudos sobre CMC apresentam em comum é a investigação dos desafios que essa nova modalidade de comunicação impõe à organização conversacional, em termos de preservação ou não dos mecanismos associados à comunicação face a face. Assim, uma questão importante, apontada pioneiramente por Hobbs (1980), é o grau com que as funções comunicativas se alteram com a mudança da conversação face a face, em que verbal e não-verbal (gesto, direção do olhar, etc.) interagem, para diálogos apenas verbais em terminais de computador.

2. A integração experiencial promovida pelo aplicativo WhatsApp Messenger

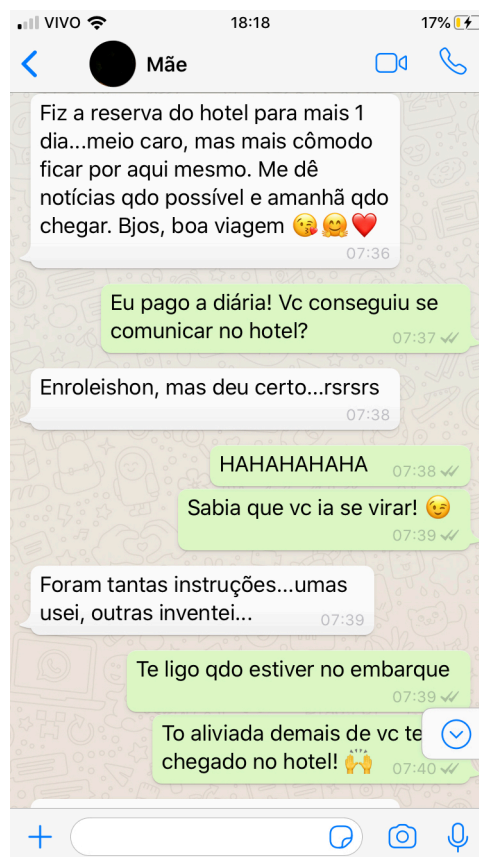
A apresentação dos principais elementos que compõem a organização conversacional, realizada na seção anterior, buscou evidenciar os aspectos envolvidos em um domínio central

para a integração conceptual promovida pelo *WhatsApp* - o espaço linguístico/conceptual de FALA, estruturado pelo *frame* de “conversação face a face”.

Na presente seção, apresentamos a análise proposta, em que se busca estabelecer um modelo de caracterização da estrutura cognitiva subjacente ao Wz. O principal argumento é o de que o aplicativo promove um processo de Integração Experiencial, de caráter múltiplo e multimodal, que envolve os espaços de FALA, ESCRITA e IMAGEM. Assim, desenvolvemos a ideia de que o espaço de FALA pode ser mapeado no espaço linguístico/conceptual de ESCRITA, como também pode ser mapeado no espaço paralinguístico/conceptual de IMAGEM.

Por um lado, o aplicativo promove uma integração conceptual entre FALA e ESCRITA, na medida em que embora as mensagens se valham da modalidade escrita, são concebidas, na prática, como diálogos e simulam mecanismos que são próprios da conversa, como a tomada de turno e a construção de pares adjacentes para manejo local da conversação. Algumas pistas linguísticas das mensagens de texto trocadas via aplicativo funcionam como indícios dessa simulação de diálogo oral, tal como é possível visualizar no exemplo a seguir:

Figura 2 – Exemplo de troca de mensagens via *WhatsApp*.



No diálogo retratado, o primeiro interactante (que nomearemos como Interactante A) inicia e completa todo um turno de fala. O segundo interactante (que nomearemos como Interactante B) dá seguimento à conversa, iniciando um novo turno de fala. A partir daí, o diálogo prossegue, com trocas sucessivas de turno entre os Interactantes A e B.

Entretanto, como os interactantes não se encontram em um contexto canônico face a face, é necessário utilizar recursos pictóricos adicionais – os *emojis* –, para marcar questões prosódicas da fala, gestos e expressões faciais, que sinalizam emoções e atitudes dos interactantes. Os *emojis* são símbolos gráficos ou ideogramas que representam não apenas expressões faciais, mas também conceitos e ideias, além de emoções, sentimentos e atitudes do falante (Walther e D’Addario, 2001; Novak et al., 2015). Vale notar, especificamente, que essas âncoras materiais se mesclam ao conteúdo verbal e propiciam, no espaço-mescla, inferências relacionadas a efeitos perlocucionais⁴ suscitados no interlocutor do diálogo, a quem se destinam as mensagens.

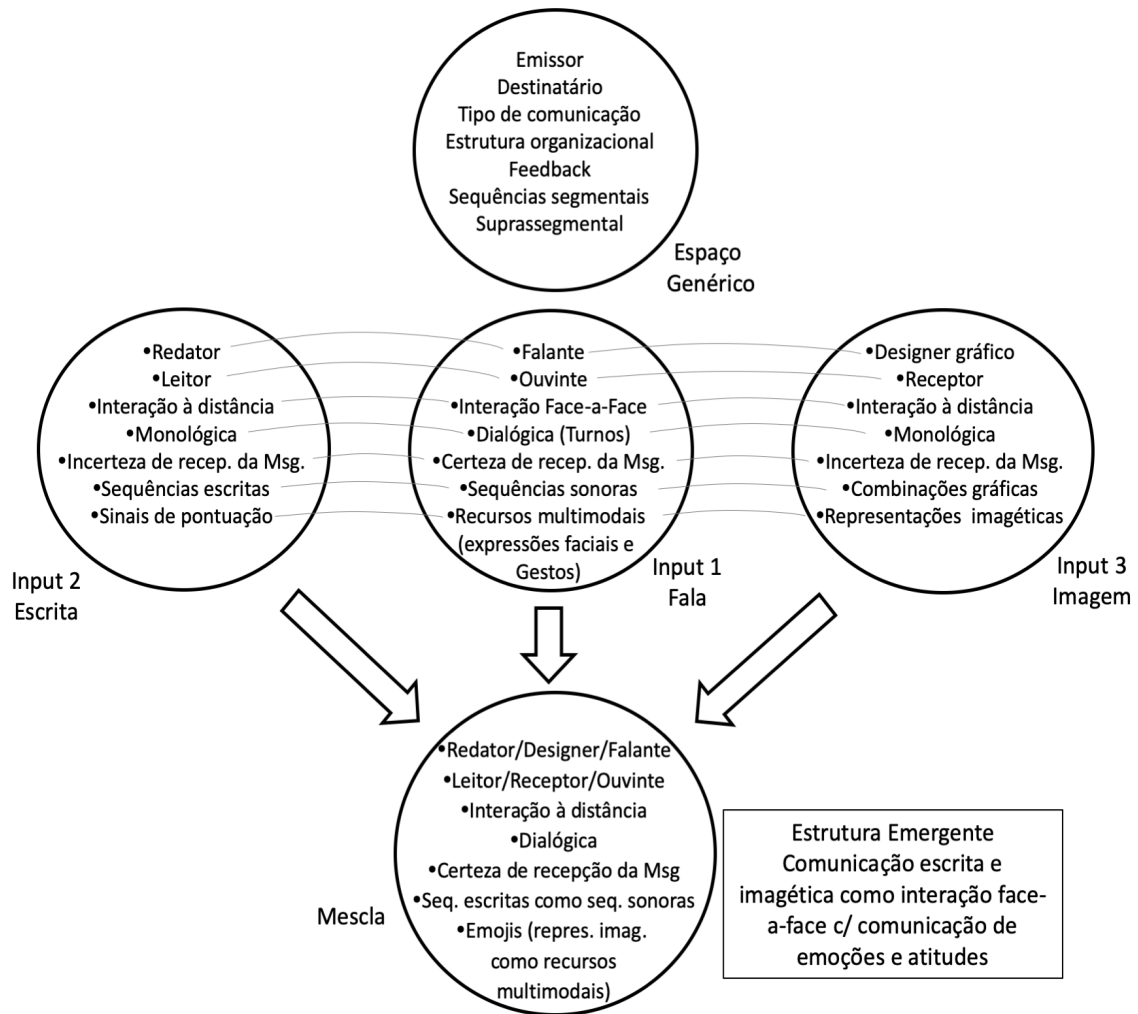
Assim, o domínio de FALA também pode ser mapeado em um domínio paralinguístico/perceptual relativo à IMAGEM, para simular as emoções e atitudes dos interactantes. Retomando o exemplo retratado na Figura 2, os *emojis* presentes no primeiro balão simulam, de maneira menos segmentada e mais holística, as ações relatadas no nível verbal. No caso, o uso de figuras e *emojis* contendo corações e sorrisos, indicam uma atitude social de empatia, demonstrada pelo Interactante A em relação ao Interactante B. O quinto balão contém um *emoji* correspondente à expressão facial envolvendo uma piscadela de olhos, que funciona como uma atitude interacional de reforço positivo, fornecido pelo Interactante A, que se coaduna com a sentença exclamativa proferida anteriormente. No último balão de diálogo, há um *emoji* utilizado no momento em que o Interactante B finaliza a interação. Esse *emoji* representa duas mãos voltadas para o céu, veiculando um sentido de “consequimos” ou “missão cumprida”, e uma atitude proposicional de crença positiva em relação ao desfecho da situação.

A partir das análises realizadas, é possível concluir que o uso de *emojis* ativa o frame “Atitudes e emoções dos falantes”, que, em um contexto canônico face a face, corresponderia ao papel sociointeracional desempenhado pelo corpo, que funciona como uma âncora material por meio da qual são veiculados sentidos que incidem diretamente sobre o conteúdo proposicional veiculado pelos recursos linguísticos.

Ao combinarmos seletivamente os elementos contidos nos três espaços de entrada [input] descritos anteriormente, podemos verificar o surgimento de uma estrutura emergente, típica não somente da conversação face a face, do ponto de vista verbal, mas da interação face-a-face do ponto de vista multimodal, que, além dos recursos entonacionais, lança mão de recursos relativos às expressões faciais, direcionadas, especificamente, aos interlocutores da conversa. Nesse sentido, a escrita simula a fala e as figuras retratadas por meio de *emojis* simulam a atuação do corpo como âncora material veiculadora de atitudes e emoções dos interactantes. A proposta descrita pode ser visualizada no diagrama a seguir:

⁴ Na Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962), o ato ou efeito perlocucional é descrito como uma ação ou estado mental que ocorre em consequência de um determinado ato ilocucional. Assim, o falante realiza um ato ilocucional quando produz um enunciado em certas condições comunicativas e com certas intenções (ex. perguntar, pedir, avisar, convidar, etc.); ao mesmo tempo, esse enunciado produz um efeito perlocucional no ouvinte. Por exemplo, um convite pode ter o efeito perlocucional de alegrar ou constanger o ouvinte.

Figura 3 – Integração Experiencial e Múltipla promovida pelo Wz.



Como representado na Figura 3, a integração conceptual referente ao Wz decorre de um *frame* genérico de comunicação humana, envolvendo FALA, ESCRITA e IMAGEM, que destaca os seguintes elementos comunicativos: (1) EMISSOR (falante/redator/ilustrador); (2) DESTINATÁRIO (ouvinte/leitor/receptor); (3) TIPO DE COMUNICAÇÃO (face a face/a distância); (4) ESTRUTURA ORGANIZACIONAL (dialógica/monológica); (5) FEEDBACK (certeza/incerteza de recepção da mensagem); (6) SEQUÊNCIAS SEGMENTAIS (fone/letra); (7) SUPRA-SEGMENTO (expressões faciais/gestos/prosódia).

No processo de integração, há projeção seletiva de elementos do Input 1 (Falante, Ouvinte, Comunicação dialógica, Organização em turnos, Certeza de recepção da mensagem, Sequências sonoras, Recursos Multimodais), do Input 2 (Redator, Leitor, Interação à Distância, Sequências escritas, Sinais de pontuação), e do Input 3 (Designer gráfico, Receptor, Interação à Distância, Representações imagéticas). Esses elementos são projetados e fundidos na mescla. Em especial, os *emojis* que envolvem expressões faciais e gestos (exs. 😊, 😞, etc.) constituem a representação imagética da experiência ancorada no corpo. Assim, a estrutura emergente ativada na mescla é a de que a comunicação escrita e imagética realizada via Wz é concebida como interação face a face multimodal (com expressão de

emoções e atitudes). Isso explica, por exemplo, o incômodo geralmente expresso pelos usuários quando suas mensagens são visualizadas pelo destinatário, mas não respondidas.

Vale destacar que o processo de mesclagem múltipla representado na Figura 3 é basicamente voltado para mensagens de texto, que integram os domínios de FALA, ESCRITA e IMAGEM. Entretanto, caso as modalidades envolvidas fossem áudio, vídeo, *memes*, *gifs*, etc., o processo seria semelhante, incluindo necessariamente o domínio de FALA (interação face a face), e mantendo características conversacionais. A diferença é que teríamos outros domínios, como por exemplo o audiovisual, que poderiam ser eles próprios produtos de mesclagem.

Considerações finais

Este trabalho enfocou o aplicativo *WhatsApp*, com o objetivo de caracterizar sua estrutura conceptual subjacente. A análise indicou que o Wz ativa um processo de integração conceptual, caracterizado como experiencial e multimodal, envolvendo três domínios: o espaço de FALA (turnos, certeza de recepção da mensagem, etc.), ESCRITA (interação à distância, sequências gráficas, etc.) e IMAGEM (interação à distância, representações imagéticas, etc.). Em especial, os recursos gestuais e expressões faciais (FALA) e as representações imagéticas correspondentes fundem-se, na mescla, como *emojis*. Assim, as atitudes e emoções do falante são evocadas na estrutura emergente, como parte de um processo de interação face a face multimodal.

A principal contribuição deste trabalho reside na caracterização da estrutura cognitiva subjacente ao Wz em termos de uma integração experiencial e multimodal, envolvendo múltiplos espaços. A partir da proposta aqui apresentada, enfocando principalmente a troca de mensagens de texto, esperamos ter aberto um caminho promissor de investigação do assunto. Como mencionado no decorrer do artigo, o Wz também permite a troca de recursos visuais e audiovisuais, como *memes*, vídeos, *gifs*, etc., que já constituem por si mesmos mesclagens conceptuais. A caracterização desses recursos em pesquisas futuras permitirá que se aprofunde o entendimento do processo de integração multimodal ativado pelo aplicativo.

WhatsApp: a contemporary multimodal blending

Abstract: This work adopts the framework of Mental Spaces Theory, and Conceptual Integration (Blending) Theory, in order to describe the cognitive structure associated to *WhatsApp Messenger* app (Wz). Our main argument is that Wz constitutes the material anchor of a multimodal and experiential integration process. In particular, we propose that the exchange of text messages involves a multiple blend with three mutually connected spaces for SPEECH (face-to-face conversation), WRITING and IMAGE which are selectively projected to a blended space. Moreover, in the emergent structure, communication through Wz is conceived by users as multimodal face-to-face interaction.

Keywords: WhatsApp; conceptual integration; multiple blending; experiential blending; multimodal blending.

Referências

- ANDERSON, J. F; BEARD, F.K e WHALTER, J.B. Turn-taking and local management of conversation in a highly simultaneous computer mediated communication system, *Language@internet*, 7, 2010.
- AUSTIN, J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- AUHLIN, A. Prosodic Iconicity and Experiential Blending. In: Hancil, S. (Ed.) *Prosody and Iconicity*. Amsterdam : John Benjamins, 2013.
- BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- CHAFE, W. *Discourse, consciousness and time; the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1994.
- CLARK, H. Space, time, semantics, and the child. In T. Moore (Ed.), *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973. p. 27-63.
- DANCYGIER, B. & VANDELANOTTE, L. Viewpoint phenomena in multimodal communication. *Cognitive Linguistics*, 28(3), 2017, p. 371-380.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E. (eds.). *Spaces, worlds and grammar*. Chicago: Chicago University Press, 1996.
- FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *Conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- GELB, I. J. *A study of writing*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1952.
- GOFFMAN, E. *Interaction ritual; essays in face to face behavior*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1967.
- GOFFMAN, E. *Forms of talk*. Oxford: Blackwell, 1981.
- HERRING, S. C. 1999. Interactional coherence in CMC. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 4(4), 2010, p. 1-13. (<http://jcmc.indiana.edu/vol4/issue4/herring.html>)

- HOBBS, J. R. Interactive discourse: Influence of social context. In N. K. Sondheimer (Ed.), *The 18th annual meeting of the Association for Computational Linguistics and Parasession on Topics in Interactive Discourse: Proceedings of the conference*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980.
- HUTCHINS, E. Material anchors for conceptual blends. *Journal of Pragmatics* 37, 2005. p. 1555-1577.
- KENDON, A. Conducting interaction: Patterns of behavior in focused encounters. *Studies in interactional sociolinguistics*, 7. New York, NY, US: Cambridge University Press, 1990.
- NOVAK, P. K., SMAILOVIĆ, J., SLUBAN, B. & MOZETIČ, I. Sentiment of Emojis. *Plos One*, 10(12), 2015. p.1-22.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E.A., & JEFFERSON, G. A simplest systematics of the organization of turn-taking in conversation. *Language*, 50.4, 1974. p.696-735.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E. A. & JEFFERSON, G. A simplest systematics of the organization of turn-taking in conversation, In Schenkein, J. (ed.), *Studies in the organization of conversational interaction*, 1978. p. 7-35.
- SCHEGLOFF, E. A. & SACKS, H. Opening up closings. *Semiotica*, 7.4, 1973. p. 289-327.
- TANNEN. D. Oral and literate strategies in spoken and written narratives. *Language* 58, 1982, p.1-21.
- TURNER, M. Conceptual Integration. In: Geeraerts, D.; Cuyckens, H. (eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 377-393.
- WALTHER, J. B. & D'ADDARIO, K. P. The impacts of emoticons on message interpretation in computer-mediated communication. *Social science computer review*: 2001, p. 324-347.

Data de envio: 02/10/2019

Data de aceite: 01/11/2019